PE. LIMA VAZ, A FILOSOFIA ANTIGA E PLATÃO

Father Lima Vaz, Ancient Philosophy and Plato

Fernando Rey Puente *

Resumo: O objetivo do presente texto é o de analisar a relevância da Filosofia Antiga na obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Entendemos que a fim de apreciar essa relação devemos concentrar nossa investigação na importância de Platão para a obra do Pe. Lima Vaz dado que este foi o único autor da Antiguidade ao qual dedicou vários artigos (datados de 1952 até o ano de 1997) e sobre o qual produziu sua tese de doutorado “Contemplação e dialética nos diálogos platônicos” na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma onde a defendeu ao final do ano de 1952.

Palavras-chave: Platão. Reminiscência. Dialética. Ideias. Ética.

Abstract: This paper aims to analyze the importance of Ancient Philosophy for Henrique Cláudio de Lima Vaz. To appreciate this point, we focused on the role played by Plato in Lima Vaz’s work, since Plato was the only ancient author to whom he dedicated several papers (written between 1952 and 1997), and on whom he wrote his doctoral dissertation «Contemplation and dialectic in Plato’s dialogues », which he defended at the end of 1952, at the Pontifical Gregorian University in Rome.

Keywords: Plato. Reminiscence. Dialectic. Ideas. Ethics.

* Professor Titular de Filosofia Antiga na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Artigo recebido em 15/09/2020 e aprovado para publicação em 13/12/ 2020.

« A grande missão da Grécia foi conduzir os homens a si mesmos, segundo o aforismo socrático, foi ensinar-lhes o caminho da autêntica interioridade do ser racional. E a Grécia é Platão”¹

1. Platão e o humanismo

Em uma das raras ocasiões em que Lima Vaz em um de seus artigos fala de si mesmo, ele apresenta com muita clareza a importância não só intelectual, mas igualmente afetiva que Platão possuía para ele:

“Foi nas estantes do meu velho avô, em Ouro Preto, que, criança de 13 anos, tomei pela primeira vez nas mãos os volumes da *República*, naquela tradução nobre e eloquentemente infiel de Victor Cousin, que fez a delícia dos nossos pais. Nesse lugar e nesse gesto estavam todo o humanismo mineiro, esse que Alceu Amoroso Lima admiravelmente definiu, e a que eu hoje venho dizer, como numa espécie de volta à casa paterna, que tudo que sou, por obra e graça dele o sou”²

Refletindo a seguir sobre o humanismo, ainda em um tom intimista, raro em sua obra, Lima Vaz tece ponderações por meio de uma imagem afetiva que, apesar de rara, é paradigmática para a compreensão de sua relação com a filosofia e a religião:

O humanismo cristão é a criança mineira que olha curiosa nas estantes do seu avô os velhos volumes de Platão, e cuja inteligência não tem depois de escolher entre Sócrates e Jesus, porque não perde mais, como na comparação célebre do *Sofista* (249D), a espontaneidade infantil e tão sensata de quem destrói as fáceis oposições no largo acolhimento de um mesmo abraço.³

Nessa conferência, que marca o retorno de Lima Vaz a Minas Gerais, feita provavelmente em 1956 na UFMG e transformada depois em um artigo pode-se aquilatar bastante bem as raízes de seu platonismo ancoradas na sua mineiridade. O tema do humanismo relacionado a Platão acompanhará nosso autor por décadas. Este tema já havia despontado em 1952 em um outro artigo no qual Lima Vaz confessa que seu interesse por Platão é atual:

Cremos que Platão tem uma palavra a dizer a uma época que procura desesperadamente um humanismo, ou seja, um equilíbrio do homem num universo que o excede em todas as partes, e que, paradoxalmente, vai crescendo sem medida nas suas próprias mãos, com a corrida cega da técnica e da descoberta científica, com a revelação de novas dimensões interiores, nascendo ao choque das mais trágicas experiências.⁴

¹ LIMA VAZ, “A ascensão dialética no *Banquete* de Platão”, in: LIMA VAZ, *Platonica*, Loyola, São Paulo, 2011, p. 67.

² *Id.*, *ibid.*, p. 49.

³ *Id.*, *ibid.*, p. 50.

⁴ LIMA VAZ, “Eros e logos. Natureza e educação no *Fedro* platônico”, in: Lima Vaz, *Platonica*, Loyola, São Paulo, 2011, p. 27.

Nosso autor deixa claro que seu escopo ao tratar de Platão nessa conferência não é o de exibir uma mera erudição, senão que exprime seu desejo de buscar “elementos de solução” para problemas atuais nos mestres da tradição clássica e, em especial, em Platão, dado que, segundo ele, Platão surge como “o maior de todos eles justamente pela orientação em profundidade de sua reflexão”.⁵

Em uma passagem posterior, que condensa eloquentemente o seu conceito de humanismo, e que, por conseguinte, vale a pena citar integralmente, Lima Vaz afirma:

A obra dos clássicos que forma a tradição viva do humanismo revela assim o caráter a um tempo histórico e transcendente da natureza humana. Uma transcendência que se mostra justamente na constância com que o espírito humano aparece igual a si mesmo no seio do fluxo histórico. A proposição fundamental do humanismo exprime a aceitação da natureza humana como a categoria básica de valor que não pode ser discutida.⁶

Lima Vaz entende que o valor fundamental da cultura greco-romana é a do ser humano como portador do *logos*, do *verbum*. Na conclusão desse artigo — esclarecedor sob tantos aspectos do modo como nosso autor lê e interpreta a Grécia e especialmente aquele que para ele é o seu representante máximo, Platão —, Lima Vaz evita uma leitura superficial do sentido do termo humanismo, a qual poderia facilmente identificá-lo apenas aos sofistas. Evidentemente, há uma primeira dimensão humanista nesses autores porquanto eles criticam os fundamentos da ciência jônica e os fundamentos tradicionais da moral e da religião, críticas essas que visam a promoção do ser humano. E Sócrates obviamente também é um sofista; porém, com ele, inicia-se a crise da Sofística. Nas palavras de nosso intérprete: “O caso de Sócrates nos ajuda a surpreender em concreto a situação-limite de todo humanismo e a ver onde a atitude humanista não é todo o homem.”⁷

Percebe-se claramente a estratégia argumentativa de Lima Vaz. O que define o que se entende por humanismo é a concepção de ser humano que se possui. Assim, os sofistas pensavam o humano em uma imanência radical, dado que julgavam o *logos* humano como a medida de toda a realidade. Ora, Platão, ao contrário do que poderia parecer, é plenamente humanista; no entanto, sua concepção do *logos* e, por conseguinte, do ser humano é fundamentalmente distinta daquela dos sofistas. A essa posição Platão teria sido levado inicialmente graças às questões morais que Sócrates começou a se colocar. E assim, segundo nosso autor, Sócrates se prolonga em Platão. A estratégia de Platão então, sempre de acordo com a exegese

⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 28.

⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 40.

⁷ *Id.*, *ibid.*, pp. 42-43.

de Lima Vaz, pode ser caracterizada como o esforço de buscar um equilíbrio entre “a exigência de um Absoluto na ordem do pensamento e da ação” e “a imensa complexidade do mutável relativo que é a matéria da nossa experiência primeira”.⁸ Dado que talvez seja impossível, segundo nosso autor, tentar uma reconstrução sistemática do pensamento de Platão, pois provavelmente ele não visou a elaboração de um sistema fechado, o que, por conseguinte, é preciso então valorizar em Platão é a sua atitude. Como Lima Vaz descreve com um entusiasmo indisfarçável:

O essencial em Platão é o espírito, a orientação do seu esforço. Autenticamente grego, Platão é profundamente humano. Nele a paixão grega pelo *logos* atinge a sua expressão máxima, mas o *logos* torna-se função do Absoluto e é capaz de conferir a toda a imensa aspiração humana do melhor – ao *eros* – um rigoroso sentido de ascensão para a realidade realíssima.⁹

O decisivo aqui, vê-se, é a noção de *logos*. Assim, se para Protágoras o ser humano é a medida de todas as coisas, para Platão, essa medida é dada pelo Bem transcendente e divino. Deste modo, Lima Vaz compreende que todas as transposições parciais de que está eivada a filosofia platônica subsumem-se nessa “transposição total do humanismo”.

Finalizando seu artigo, Lima Vaz, entra em um terreno teológico, o que igualmente não é frequente em sua obra, e afirma a atualidade de Platão como mestre que pode nos levar a superar a crise do humanismo atual (lembremo-nos de que ele escreve nos anos 50 do século passado) em função do fato de ele apontar para além de uma “exaltação incondicionada do *logos* humano”. Com K. Rahner, Lima Vaz reconhece então o papel pedagógico (no sentido paulino) que os diálogos de Platão tiveram para a alma antiga, preparando-a assim para o advento do Cristo. Nosso autor encerra seu texto exortando Platão como mestre para aqueles que, no dizer de Dante, perderam o intelecto:

Para todos esses, Platão será sem dúvida um mestre benfazejo. E sobretudo – ousamos crer – ele disporá novamente os espíritos a reconhecer na revelação do homem novo em Cristo a justificação única e definitiva do humanismo, como imprevisível síntese em que imanência e transcendência se unem e em que a natureza é elevada pela graça a participar da vida mesma de Deus.¹⁰

Voltando ao tema do humanismo quase cinquenta anos mais tarde, Lima Vaz, em uma conferência proferida na PUC Minas em maio de 2001, remete a aquisição da noção do humanismo em nossa cultura a três distintas tradições, a saber, a tradição grega, a tradição latina e a tradição bíblico-

⁸ *Id., ibid.*, p. 44-45.

⁹ *Id., ibid.*, p. 45.

¹⁰ *Id., ibid.*, p. 47.

-cristã. A seguir nosso intérprete caracteriza melhor cada uma dessas três tradições. Citemos aqui o parágrafo que ele dedica à tradição grega com o intuito de percebermos a permanência de algumas de suas posições sobre o assunto. A única “novidade”, por assim dizer, é que nesse passo Aristóteles comparece como um dos pilares dessa tradição:

À tradição grega devemos, em primeiro lugar, o conceito socrático da interioridade racional ou da “alma” (*psychê*), que tornou possível a constituição da Ética como ciência do agir racional (*praxis*). Na sequência da descoberta socrática da “alma” situa-se a doutrina platônica da inteligência (*Nous*), tendo por objeto, a cujo conhecimento é estruturalmente ordenada, o mundo transcendente das *ideias* ou do inteligível puro. Aristóteles, por sua vez, elabora o conceito de uma “natureza humana” como substância (*ousia*) consistente e dotada de propriedades específicas que articulam animalidade e racionalidade, dando origem à definição do ser humano que se tornará clássica: “animal possuidor de razão” (*zôon logon echon*). A imagem ocidental do homem guardará, pois, esses indelévels traços helênicos: o ser humano é *interioridade espiritual*, é *inteligência* aberta às realidades transcendentais, é *natureza racional* adequada, pela razão, ao conhecimento do ser na sua universalidade.¹¹

Essa avaliação que inclui Aristóteles pode claramente ser encontrada em outras obras onde Lima Vaz reconhece que Aristóteles foi um dos mais sagazes interlocutores de Platão. Assim, em um artigo de 1993, ele reconhece que Aristóteles foi o maior dos discípulos imediatos de Platão e que a obra do Estagirita nos mostra com clareza que “toda decisão autêntica de filosofar dentro de nossa tradição é um encontro ou um reencontro com Platão.”¹² Em uma carta dirigida ao autor deste artigo no dia 6 de julho de 1994, Lima Vaz vai um pouco além chegando mesmo a afirmar que em Aristóteles “há um diálogo criador (talvez o único até hoje) com Platão”.

Todavia, provavelmente em uma das últimas considerações sobre o importante tema da relação entre Platão e Aristóteles nosso autor alcança uma síntese mais nuançada, ainda que neste caso restrita ao âmbito ético, na qual consegue conceder a originalidade e ao mesmo tempo manter a filiação de Aristóteles a Platão:

Todas as grandes categorias que formarão o arcabouço teórico do ensinamento ético de Aristóteles mostram, de uma maneira ou de outra, uma raiz platônica, e é dentro da tradição doutrinal originada em Platão, continuada na Primeira Academia e perpetuada na cultura ocidental sob o nome de *platonismo*, que Aristóteles deve ser situado. Ele representa, porém, uma vertente tão poderosa e criadora do platonismo original que vem a

¹¹ LIMA VAZ, *Humanismo hoje: tradição e missão*, PUC Minas, Instituto Jacques Maritain, Belo Horizonte, 2001.

¹² LIMA VAZ, “Platão revisitado: Ética e metafísica nas origens platônicas”, in: LIMA VAZ, *Platonica*, Loyola, São Paulo, 2011, p. 103.

inaugurar uma nova tradição – o *aristotelismo* – inconfundivelmente distinta, mas não definitivamente arrancada do tronco platônico.¹³

2. Visão e contemplação em Platão

Como é sabido, Lima Vaz não se apresentava como um especialista em Filosofia Antiga, muito embora a conhecesse profundamente, em especial a obra de Platão. Em uma carta dirigida ao autor deste artigo datada do dia 28 de fevereiro de 1999, Lima Vaz afirmava com sua habitual modéstia: “Na verdade, em face dos grandes *scholars* da IPS [International Plato Society] eu me considero um simples amador, quando muito um vulgarizador da filosofia antiga, campo de alta especialização”. A sua tese de doutorado, escrita em latim e defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma no dia 6 de dezembro de 1952 dedicada a Platão, contudo, prova antes o contrário. Há alguns anos ela foi traduzida em português e publicada no âmbito do projeto de publicação das obras filosóficas inéditas de Lima Vaz.¹⁴

Quando lemos a tese “Contemplação e dialética nos diálogos platônicos” podemos constatar certos aspectos não hegelianos da mesma, como, por exemplo, quando Lima Vaz explica que Platão não nos legou “um sistema construído *a priori* e fechado, mas uma investigação viva e sempre autoesclarecedora, a qual foi conveniente designar, num sentido especificamente platônico, como *sképsis*”.¹⁵ Isso fica ainda mais evidente quando ele critica a abordagem que E. Zeller, “imbuído do racionalismo hegeliano”, faz do uso dos mitos em Platão ao considerar esse uso como o sinal de uma “lacuna do conhecimento científico”.¹⁶ Lima Vaz, ao contrário, vê no uso dos mitos por parte de Platão um “complemento”, ou, em outra formulação ainda mais explícita, ele diz: “consideramos que em Platão o mito, na busca da verdade, acrescenta algo à pura demonstração racional”.¹⁷ Ou seja: o mito não se situaria aquém do limite máximo do *Begriff* hegeliano, mas de algum modo além do mesmo, dado que Lima Vaz o considera como

¹³ LIMA VAZ, *Escritos de Filosofia IV – Introdução à Ética Filosófica 1*, São Paulo, Loyola, 1999, p. 110. Permito-me mencionar aqui um breve artigo de minha autoria, que escrevi há alguns anos, e no qual tento mostrar a importância do tema da *philía*, tal como estudada por Aristóteles, na obra de Lima Vaz: “Breves considerações sobre o tema da *philía* em Aristóteles na obra de H. C. de Lima Vaz”, in: *Saber filosófico, história e transcendência* (Homenagem ao Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ, em seu 80º aniversário), MAC DOWELL SJ, João A. (org.). Loyola, São Paulo, 2002, p. 41-47.

¹⁴ LIMA VAZ, *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos*, trad. Juvenal Savian Filho, Fapemig/Loyola, São Paulo, 2012.

¹⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 18.

¹⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 40.

¹⁷ *Id.*, *ibid.*, p. 38.

um complemento ou um acréscimo à razão. Logo, entende-se por meio dessa observação que a razão não seria omniabrangente. Essas passagens se misturam com outras que, como veremos, possuem um sabor hegeliano, como o próprio autor o confessa em um autorretrato escrito por ele mesmo e no qual afirma em relação à sua tese:

Num sentido em que já se podia perceber uma primeira e ainda indecisa influência hegeliana – mas a referência a Hegel aparece apenas nas últimas linhas de minha tese –, busquei interpretar a *noesis* em Platão como um *resultado* intrinsecamente ligado ao caminho – ou ao *método* – dialético, e não como uma intuição inefável e quase mística.¹⁸

A ênfase em uma abordagem epistemológica ao tratar do tema da contemplação e da dialética, contudo, apontam para uma clara direção avessa a um divórcio entre a contemplação e a razão e, deste modo, parecem referir-se a uma interpretação mais afinada com Hegel, ainda que de modo indeciso, como o próprio autor admite anos mais tarde.

Assim, a visão original que a alma experienciou ao contemplar as Ideias face a face pode e deve ser traduzida por meio da dialética, ainda que perdures uma distinção entre esse conhecimento obtido pela alma fora do corpo daquela ciência – a dialética – cultivada após longos anos de estudo em uma alma associada a um corpo. Essa ciência do Bem supremo, como ficará explícito na *República*, visa reapresentar aquela primeira visão de modo plenamente racional. O *Mênon* é entendido por Lima Vaz como “o primeiro esforço de Platão no sentido de transferir para o “plano” inteligível o fundamento da vida moral”.¹⁹ Se o *Mênon* é então, segundo a exegese vaziana da obra de Platão, “o primeiro momento essencial na formação da doutrina platônica da contemplação”²⁰ o recurso ao *Fédon* e ao *Fedro* servirão a Lima Vaz para a compreensão plena dessa visão contemplativa. Isso significa que a leitura que ele empreende do *Fédon* enfatiza sobretudo a dimensão epistemológica desse diálogo. Como Lima Vaz destaca, em nenhum outro diálogo Platão “descreveu tão longa e acuradamente a natureza das Ideias e a importância delas em sua doutrina do conhecimento”.²¹ As Ideias são as essências existentes das coisas sensíveis que, por sua vez, tão somente existem ao participarem dessas essências. As Ideias precisam, por conseguinte, serem supostas. Isto constitui o que Platão denomina no *Fédon* um conhecimento hipotético. Vale aqui mencionar a clara distinção que Lima Vaz faz desse conceito com seu correlato moderno:

¹⁸ LIMA VAZ, “Cristianismo e consciência histórica”, in: PALÁCIO, Carlos (coord.), *Cristianismo e História* (Homenagem a H. C. de Lima Vaz por ocasião de seu 60º aniversário), Loyola, São Paulo, 1982, p. 420.

¹⁹ LIMA VAZ, *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos*, trad. Juvenal Savian Filho, Fapemig/Loyola, São Paulo, 2012, p. 62, n. 49.

²⁰ *Id.*, *ibid.*, p. 63.

²¹ *Id.*, *ibid.*, p. 70.

O método hipotético de Platão é exatamente oposto ao método “hipotético” adotado modernamente nas ciências, o qual se funda na verificação *a posteriori*. O método platônico, ao contrário, quanto ao valor das hipóteses, é inteiramente *a priori* com respeito à experiência.²²

Mais interessante ainda é a citação que Lima Vaz utiliza nessa mesma nota para ressaltar sua compreensão do assunto. Ele cita o neokantiano N. Hartmann que afirmava: “isto é o decisivo na hipótese platônica, a saber, que não é ela que é mensurada pelo que dizem os sentidos, mas estes nela”.²³ A hipótese platônica configura-se, portanto, como um princípio epistemológico e ontológico da realidade. Tratando-se, pois, de um princípio absolutamente firme por si mesmo e autosuficiente, nas palavras de Lima Vaz:

“julgaria erroneamente quem acreditasse que o valor das ‘hipóteses-princípios’ depende do arbítrio dos ouvintes. O consenso dos interlocutores é certamente essencial na demonstração feita pelo diálogo; não, porém, para a afirmação de uma verdade *em si*; ele é importante para a ‘estrutura’ do diálogo, a fim de que ele possa progredir”.²⁴

Todavia, a fim de que esse conhecimento das Ideias seja alcançado é preciso que certas condições sejam asseguradas para a alma e é aqui que a purificação tem seu lugar. Na interpretação vaziana “a purificação platônica dirige-se inteiramente à *theoria* ou à visão intelectual cuja natureza essa purificação mostra e a cujo exercício dispõe”.²⁵ Assim, configuram-se em Platão duas direções do conhecimento, implicitamente conectadas ao título mesmo da tese de Lima Vaz, a direção descendente que provém da visão das Ideias para a percepção dos sensíveis e a reminiscência que parte destes para aquelas.

A fim de abordar dois diálogos que trazem uma dimensão dinâmica a esse processo de ascensão em direção às Ideias, precisamos nos voltar para dois artigos de Lima Vaz, o primeiro sobre o *Fedro* escrito no ano mesmo de sua defesa doutoral,²⁶ certamente um capítulo mais extenso preparado para a sua tese que ele decidiu publicar separadamente, pois a abordagem que há do *Fedro* em sua tese doutoral é bastante mais resumida. E o artigo publicado quatro anos mais tarde, em 1956, sobre o *Banquete*.²⁷ Ambos esses artigos podem ser vistos como complementos a sua tese de 1952.

²² *Id.*, *ibid.*, p. 77, n. 76.

²³ *Id.*, *ibid.*, p. 77, n. 76.

²⁴ *Id.*, *ibid.*, p. 78-79.

²⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 79-80.

²⁶ LIMA VAZ, “Eros e logos. Natureza e educação no *Fedro* platônico”, in: LIMA VAZ, *Platonica*, Loyola, São Paulo, 2011, p. 7-47.

²⁷ LIMA VAZ, “A ascensão dialética no *Banquete* de Platão”, in: LIMA VAZ, *Platonica*, Loyola, São Paulo, 2011, p. 49-67.

O *Fédon* e o *Banquete* que são textos quase contemporâneos enfatizam respectivamente o *logos* e o *eros*. A aparente antinomia dos dois diálogos é falsa, pois, como afirma Lima Vaz, ambos os diálogos são complementares na medida em que “seu ponto de encontro é a alma mesma”.²⁸ Há um elemento dinâmico no *Banquete* alheio ao *Fédon* que abordava a alma de modo estático. Essa mesma dimensão dinâmica Lima Vaz encontra igualmente no *Fedro* que emprega a imagem das asas para evidenciar esse dinamismo. Uma síntese dessa interpretação que se refere ao *Fedro* pode ser lida em uma passagem de Lima Vaz, que, conquanto longa, vale a pena ser citada na íntegra:

A verdade que Platão exprime na figuração mítica aprofunda a doutrina do *Mênon* e do *Fédon* de uma parte, do *Banquete*, de outra: só uma radical origem transcendente pode explicar na alma, imersa na dispersão sensível, duas estruturas fundamentais que transcendem evidentemente o sensível, a expressão do Verdadeiro no *logos*, o desejo do Belo no *eros*. Daqui segue-se que a vida real da alma, a vida filosófica, deve ser um movimento de interiorização e de subida, para reconquistar a condição original. A reminiscência é para Platão o veículo da transcendência. O *Mênon* e o *Fédon* afirmam a sua necessidade para fundar o *logos*. A novidade do *Fedro* é colocá-la também na base do *eros*, unificando assim o movimento total da alma”.²⁹

A reminiscência em Platão perfaz-se pela dialética que é, na definição inicial do *Fédon*, a ciência das Ideias. Essa concepção é corroborada pela *República* onde a dialética faz-se das Ideias às Ideias sem recurso aos sensíveis. Em uma observação de Lima Vaz ao seu comentário à *República* fica evidente a sua aversão a algum tipo de conhecimento não intelectual além da razão, corroborando aqui a inspiração hegeliana de sua abordagem. Ele afirma que:

A distinção, pois, entre *dianoia* e *noesis* parece reivindicada não da parte do objeto, mas do modo de proceder da alma, que, por uma e outra razão, atinge os inteligíveis”.³⁰

Por essa razão, em uma nota a esse passo, nosso intérprete esclarece que “a *dianoia* não deve ser interpretada, nessa passagem, como “conhecimento discursivo” por oposição à “intuição”.³¹ A exegese de Lima Vaz da imagem da linha dividida apresentada no livro VI da *República* a compreende, portanto, não como expressando uma cisão ontológica entre Ideias dialéticas e Ideias matemáticas. Em outras palavras, o que está em jogo para o nosso autor, quer na imagem da linha quer na alegoria da caverna, é tão somente um “símbolo da “educação” da alma” e não uma “exposição metafísica”.

²⁸ LIMA VAZ, “Eros e logos. Natureza e educação no *Fedro* platônico”, in: LIMA VAZ, *Platonica*, Loyola, São Paulo, 2011, p. 13.

²⁹ *Id.*, *ibid.*, p. 24-25.

³⁰ LIMA VAZ, *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos*, trad. Juvenal Savian Filho, Fapemig/Loyola, São Paulo, 2012, p. 123.

³¹ *Id.*, *ibid.*, p. 123, n. 44.

A análise dos diálogos da maturidade, a começar pelo *Parmênides*, que assinala uma transição entre os diálogos da fase média e os derradeiros, pode ser dita crítica em relação à doutrina das Ideias. Cabe aqui, contudo, com o nosso autor, advertir o leitor que crítico nesse contexto não deve ser confundido com uma postura crítica no sentido kantiano. Nas palavras de Lima Vaz:

“Crítico” aqui não quer dizer uma investigação sobre o valor do conhecimento, como em Kant, mas uma “reflexão assinalada” sobre o próprio conhecimento, a fim de investigar explicitamente os problemas que são postos a seu respeito [...] A “crítica” de Platão, portanto é desde o início intimamente vinculada com a “ontologia” e exerce-se precisamente para que essa “ontologia” construa-se com mais firmeza”.³²

Se as objeções apresentadas no *Parmênides* servem para depurar a interpretação das Ideias recusando-se a tratar delas como se pudessem ser pensadas a partir de categorias espaciais ou temporais características das coisas sensíveis, o *Sofista* irá analisar o entrelaçamento das Ideias entre si, dado que elas não podem ser consideradas como se fossem pura e simplesmente separadas umas das outras. Esse entrelaçamento das Ideias entre si e a complexa relação delas com os sensíveis serão os problemas discutidos nos últimos diálogos de Platão. Destas obras, sem dúvida, a mais minuciosamente analisada por nosso intérprete foi o *Sofista*, dado que além das páginas dedicadas a essa obra em sua tese de 1952, Lima Vaz escreveu um longo e minucioso ensaio, “A dialética das Ideias no *Sofista*”, publicado originalmente em 1954, isto é, apenas dois anos após a defesa de seu doutorado e que serve como um complemento às exposições sobre esse importante diálogo platônico que comparecem em sua tese.

A dialética platônica, tal como aparece nos últimos diálogos de Platão, não possui, entretanto, nenhum sentido construtivo em sentido moderno; ao contrário, ela corrobora o que Lima Vaz entende como sendo o *leitmotiv* que perpassa toda a obra platônica: Ciência = Verdade = Ente. A fim de esclarecer essa relação entre a dialética e as Ideias ele cita uma feliz frase de L. Robin com grande aprovação o qual procura definir a dialética como “a tradução em termos da inteligência das relações ontológicas dos inteligíveis entre si”.³³ No artigo supramencionado sobre o *Sofista* Lima Vaz cita novamente essa sentença de L. Robin, mas, desta vez esboça ele mesmo uma definição de dialética: “Ela é, na alma, outro modo de existir do mundo das Ideias (os escolásticos diriam um modo “intencional”), e as relações que estabelece são as relações reais das Ideias entre si”³⁴. De

³² *Id.*, *ibid.*, p. 132, n. 59.

³³ *Id.*, *ibid.*, p. 167, n. 118.

³⁴ LIMA VAZ, “A dialética das Ideias no *Sofista*”, in: *Escritos de Filosofia VI, Ontologia e história*, Loyola, São Paulo, 2001, p. 45.

fato, a essência das aporias que Platão ao longo de seus diálogos tem de resolver para poder erigir uma ciência das Ideias compreende então três aspectos: “a relação das Ideias e do sensível, a relação das Ideias entre si, a relação das Ideias e da Alma”.³⁵

Retomando a relação da dialética como ciência que conduz ao Bem na *República* com a dialética como ciência das Ideias propriamente ditas e que é apreendida ao conhecer-se o princípio das Ideias, o Bem, Lima Vaz comenta de modo muito claro e eloquente a sua exegese desse problema:

“Sem dúvida, o conhecimento do Princípio é uma “intuição”, por oposição ao discurso no sentido de que é o termo e o cume do processo discursivo. No entanto, essa “intuição”, em seu “conteúdo”, deve ser inteiramente entendida em continuidade com a “ascensão” precedente da qual ela resulta naturalmente. Assim como a “ascensão” feita a partir dos sensíveis particulares resulta – caso se realize corretamente a “reminiscência” – na “intuição” da Ideia universal, assim também, a “ascensão” pelo método “hipotético” resulta na “intuição” do Bem”.³⁶

Por fim, na conclusão desse artigo encontramos mais uma vez essa mesma concepção expressa de modo bastante mais sintético. Provavelmente é nessa passagem que o próprio Lima Vaz, muitos anos depois, como citamos acima,³⁷ reconhecerá uma influência hegeliana em sua abordagem de Platão:

Portanto, a Ideia do Bem, como *unidade terminal* da dialética, é conhecida não por “êxtase” ou “contato inefável”, mas precisamente em sua razão de “princípio” e “fim” do mundo ideal e, por isso, também da dialética.³⁸

3. As ressonâncias de Platão na obra de Lima Vaz

Como vimos acima, Platão é uma referência constante para a elaboração do pensamento de nosso autor. Assim, para qualquer obra dele que nos voltemos encontraremos uma interlocução dele com Platão, quer por meio de uma abordagem de caráter mais histórico, quer por meio de uma abordagem de tipo mais sistemático.

A única novidade relacionada a sua leitura de Platão foi a adoção do paradigma das doutrinas não escritas de Platão que Lima Vaz ajudou a difundir no Brasil nos anos 90 do século passado por meio da obra de

³⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 14.

³⁶ LIMA VAZ, *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos*, trad. Juvenal Savian Filho, Fapemig/Loyola, São Paulo, 2012, p. 226-227.

³⁷ Ver nota 19.

³⁸ LIMA VAZ, *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos*, trad. Juvenal Savian Filho, Fapemig/Loyola, São Paulo, 2012, p. 238.

Giovanni Reale.³⁹ Mas a doutrina dos Princípios não altera as aquisições prévias da doutrina das Ideias, apenas a situa diversamente no conjunto da obra que agora passa a levar em conta a sua parte não escrita. Platão, com ou sem a adoção dessa linha interpretativa oriunda das escolas de Tübingen e Milão, permanece uma referência fundamental para a compreensão do pensamento da obra do próprio Lima Vaz. O interesse de nosso autor por esse “novo paradigma”, para empregarmos a linguagem do próprio G. Reale, o afastou sem dúvida da maior parte dos especialistas de Platão no Brasil, que, em sua maioria, seguiram a tendência mundial de criticar os esforços dos representantes dessa tradição exegética de tentar uma reconstrução demasiadamente doutrinária da obra de Platão e que, ao parecer da maioria, parece avessa ao conjunto bastante mais aberto e hermeneuticamente muito mais dúctil dos diálogos.

Em relação aos variegados tratamentos que Platão recebe ao longo da obra de Lima Vaz, mencionemos rapidamente, a título ilustrativo, alguns textos em que essa presença se faz notar.

O primeiro texto a que vamos nos referir é a análise que nosso autor faz da ontologia. Lima Vaz entende o percurso da ontologia clássica em um texto de 1954 como um caminho com três estações principais: o momento objetivo da ontologia clássica representado pelo *Sofista* de Platão, o momento reflexivo que pode ser estudado no livro *Gama da Metafísica* de Aristóteles e a síntese entre esses dois momentos que aparece na filosofia de Tomás de Aquino. Esse modelo de apresentação de inspiração hegeliano já traz em si uma premissa (também hegeliana) explicitada logo na primeira página do texto onde nosso intérprete afirma que a reflexão filosófica é “progressiva e criadora”.⁴⁰

Em sua obra *Antropologia Filosófica*, o primeiro capítulo é dedicado à Filosofia Antiga. A abordagem de Lima Vaz compreende desde os pré-socráticos até os neoplatônicos. Evidentemente há um subcapítulo que se ocupa de Platão. Nele, mais uma vez, testemunhamos a predileção de nosso autor por Platão que pode ser bem aferida por meio de suas próprias palavras:

A influência do platonismo é provavelmente, a mais poderosa que se exerceu sobre a concepção clássica do homem, e até hoje a imagem do homem na nossa civilização mostra indeléveis traços platônicos”.⁴¹

A posição da antropologia platônica é entendida por nosso intérprete como a síntese da relação homem-cosmos da tradição pré-socrática com a tradição sofística que se ocupava da relação homem-cultura inserida

³⁹ LIMA VAZ, “Um novo Platão”, in: LIMA VAZ, *Platonica*, Loyola, São Paulo, 2011, p. 85-101.

⁴⁰ LIMA VAZ, “Itinerário da ontologia clássica”, “”, in: Escritos de Filosofia VI, *Ontologia e história*, Loyola, São Paulo, p. 57.

⁴¹ LIMA VAZ, *Antropologia Filosófica* I, Loyola, São Paulo, 1991, p. 35-36.

no contexto político da *pólis* e, com a posição socrática de analisar o ser humano a partir de sua interioridade, focalizando assim na investigação a alma dos seres humanos. Essas três vertentes são todas elas orientadas para uma realidade transcendente em relação à qual o ser humano se dirige, a saber, as Ideias. Lima Vaz chama a atenção para a superação de uma perspectiva aparentemente dualista o que aparece nas considerações existentes em alguns diálogos de Platão, como, por exemplo, no *Timeu*, um diálogo tardio em que a relação entre a alma e o corpo é estudada do ponto de vista da conjunção (*to synanphoteron*) da alma e do corpo e não enfatizando a sua aparente dissociação como é o caso do *Fédon*. O motivo fundamental da antropologia platônica, contudo, como nosso autor destaca ao final de sua breve apresentação, se encontra no tema da relação do homem com o divino que desde o *Fédon* até as *Leis* domina o pensamento de Platão.

Ao estudar o entrelaçamento da filosofia com a cultura em uma série de textos sobre esse tema reunidos posteriormente sob o título de *Filosofia e Cultura*, Lima Vaz explicita de maneira enfática a sua posição em relação a Platão e a Hegel:

“Platão e Hegel situam-se no começo e no fim da aventura da filosofia ocidental, entendida esta como o projeto talvez desmesurado, fruto da audácia de alguns efêmeros mortais, de recriar o mundo das coisas e o mundo dos homens à luz de um *logos* que julga, demonstra, ordena e unifica”⁴²

Lima Vaz, pouco mais adiante, é enfático também em assinalar que Platão e Hegel constituem “as duas possibilidades teóricas extremas de leitura filosófica da cultura ocidental”⁴³, isto porque, como nosso autor explica em uma nota muito elucidativa sobre a sua própria posição:

Falamos de duas possibilidades teóricas extremas na medida em que todas as outras que foram tentadas modelam-se, por sua vez, nesses dois paradigmas. Enquanto sabemos, nenhuma transgressão rigorosamente filosófica do espaço platônico-hegeliano, apesar de numerosas tentativas, logrou alcançar seu intento.⁴⁴

Mas em quê precisamente as considerações sobre a cultura desses dois autores podem ser relacionadas? Lima Vaz relaciona com acuidade em grandes linhas os projetos desses dois grandes filósofos mostrando a ênfase que eles deram ao aspecto unitivo da razão frente à multiplicidade variegada proveniente dos dados sensíveis. Ambos, seguindo a interpretação de nosso autor, buscavam a reinstauração de uma ordem no mundo humano. Assim, a dialética da cultura seria para Platão “a instauração da justa medida

⁴² LIMA VAZ, *Escritos de Filosofia III. Filosofia e Cultura*, Loyola, São Paulo, 1997, p. 16.

⁴³ *Id.*, *ibid.*, p. 17.

⁴⁴ *Id.*, *ibid.*, p. 17, n. 28.

(*metron*) ou da unidade de proporção (*analogia*) na desordem do mundo dos homens” e, para Hegel, “a reconciliação (*Versöhnung*) das oposições que rompem a unidade ética (*Sittlichkeit*) da comunidade humana”.⁴⁵

Segundo Lima Vaz, há duas tarefas que devem ser levadas a cabo pela hermenêutica filosófica da cultura: por um lado mostrar a justeza do diagnóstico do filósofo acerca da multiplicidade desordenada na qual os seres humanos vivem e, por outro, propor a edificação de um modelo racional e ideal que unifique a dispersão múltipla ínsita ao meio humano. Nosso autor explica em seguida como seus dois filósofos de predileção fizeram isso:

Para Platão, esse modelo é construído por meio da dialética do Bem, e a *polis* real deverá ser o reflexo da sua perfeição. Para Hegel, ele é construído segundo a articulação dialética da ideia do Espírito: seus momentos constituirão a estrutura inteligível da história cuja culminação é o Estado, obra da Razão necessariamente figurada no tempo.⁴⁶

A seguir, Lima Vaz sintetiza que para ambos esses pensadores a filosofia funcionou como a tentativa de instaurar “a sensatez da razão no *medium* histórico da desrazão”.⁴⁷

Por fim, nosso exegeta disserta sobre a estratégia de Platão de mostrar a necessidade da filosofia a qual, segundo ele, se divide em duas tarefas: demonstrar a necessidade da filosofia em um nível histórico-cultural e depois demonstrá-la do ponto de vista da teoria. Embora em alguns textos de Platão as duas necessidades estejam claramente articuladas (é o caso do *Banquete* e da *República*, dado que ambos diálogos ocorrem em casas situadas nos portos atenienses de Falero e do Pireu e neles o tema da filosofia e do filósofo são centrais), alguns diálogos enfatizam a necessidade histórica da filosofia (é caso do *Górgias*, do *Fedro* e do *Teeteto*) e outros destacam a necessidade teórica (como ocorre sobretudo no *Parmênides* e no *Sofista*).

Como, porém, passar da necessidade histórica da filosofia para a sua necessidade teórica? De acordo com Lima Vaz isso ocorre por meio da noção platônica de ciência (*epistème*). Esse saber evidentemente é a dialética. E é precisamente com base nas aporias culturais que questionavam a justiça ou a piedade, e que foram muito bem apresentadas nos diálogos ditos socráticos de Platão, que a necessidade histórica de resolver esses paradigmas levou Platão a formular uma *paidéia* filosófica nos diálogos da maturidade orientada pela dialética como caminho para o filósofo empreender essa jornada. Todavia, a dialética não é apenas o bom caminho a ser trilhado pelo aspirante a filósofo, ela é também “a forma própria do pensamento filosófico na *República*, no *Fedro* e nos chamados diálogos metafísicos”.⁴⁸

⁴⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 18.

⁴⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 18-19.

⁴⁷ *Id.*, *ibid.*, p. 19.

⁴⁸ *Id.*, *ibid.*, p. 30.

Em uma feliz formulação, Lima Vaz apresenta sucintamente como por meio da teoria das Ideias Platão realizou em sua obra essa passagem de uma necessidade histórica do filósofo para uma necessidade teórica da filosofia:

Vê-se, portanto, que a teoria das Ideias sendo, por definição, uma ontologia, é, essencialmente, uma metafísica da cultura, pois é como resposta aos problemas do mundo da cultura grega numa peculiar conjuntura histórica que Platão faz apelo às Ideias: só elas permitirão assegurar ao conhecimento intelectual um objeto verdadeiro e, desta sorte, fazer dele uma instância decisiva do ser e do não-ser no julgamento dos homens, o que significa elevar ao plano da *theoria* a solução dos problemas da *praxis* e, mesmo, fazer remontar essa solução à esfera dos primeiros Princípios⁴⁹

Para finalizar suas considerações nesse rico texto, Lima Vaz conclui seus argumentos indicando três aspectos que, segundo ele, fazem do modelo platônico “a exemplaridade arquetipal” da história da filosofia ocidental: em primeiro lugar, a dialética do Uno e do múltiplo apresentada no *Parmênides* que, nas palavras de nosso autor, possibilita “a articulação dialética entre a unidade e a pluralidade e, por conseguinte, a regência da *episteme* sobre o mundo da *doxa*”⁵⁰; em segundo lugar, a metafísica da história (presente sobretudo no diálogo *Político*) a qual “recupera no *logos* a dispersão do tempo da cultura” e, finalmente, em terceiro lugar, a cosmologia do *Timeu* “no qual a fabulação mítica da ordenação do *kosmos* pelo Demiurgo, segundo o modelo contemplado no mundo das Ideias, pode ser interpretada em analogia com a ordenação da *polis* pelo filósofo”.⁵¹

Concluindo esse longo percurso que explora a relação de Lima Vaz com a filosofia antiga e, particularmente, com Platão, abordaremos na sequência o último tema sobre o qual nosso autor se debruçou e que contém importantes considerações sobre Platão, a saber, o tema da ética. Para essa análise nos valeremos de um texto contido no livro *Platonica* que trata desse tema, deixando de lado, assim, não por falta de interesse, mas para não nos alongarmos ainda mais, as reflexões de Lima Vaz sobre Platão contidas nos dois volumes da *Ética Filosófica* publicados em 1999 e no ano 2000.

Mais uma vez, encontramos nesse texto uma descrição da retomada socrática feita de modo sistemático por Platão. Assim, como Lima Vaz pontua, se em Sócrates podemos constatar a submissão dos dilemas da *praxis* às exigências da razão, encontraremos em Platão uma tradução disso para um plano sistemático como sendo a vinculação da *Ética* à *Metafísica*. Em suas próprias palavras nosso intérprete explica esse entrelaçamento:

⁴⁹ *Id.*, *ibid.*, p. 33.

⁵⁰ *Id.*, *ibid.*, p. 43.

⁵¹ *Id.*, *ibid.*, p. 44.

A Metafísica aparece assim como o horizonte último da Ética, e para Platão esse horizonte se descobre justamente mediante o pressuposto socrático de uma estrita homologia entre a *arete* e a *episteme*.⁵²

O que Platão está fazendo, de acordo com nosso intérprete, é dispor a *praxis* sob o domínio da teoria ou, em linguagem hegeliano, “suprassumir a necessidade cega do Destino na necessidade manifestada da Razão”.⁵³

Desse modo, Platão pode erigir a Ética como ciência da Liberdade, uma ciência que se ocupa de três dimensões conceptuais: a liberdade de arbítrio, a liberdade de escolha e a liberdade de autonomia. Consoante essa leitura, Platão abriu assim para o Ocidente a possibilidade de constituir a Ética e a Política como “ciências da regulação racional da *praxis* humana no mundo e no tempo da história”.⁵⁴ Em defesa de sua exegese, Lima Vaz adverte contra aqueles críticos que julgam que tal fundamentação da ética na metafísica seria uma construção no ar; contudo, na visão de nosso autor, nela *logos* e *arete* se enraízam firmemente no solo da experiência grega. Nas palavras de nosso intérprete:

Trata-se do caminho de uma “civilização metafísica”, pois assim convém designar a civilização na qual tem lugar o evento inaugural, a um tempo especulativo e histórico, da transposição platônica da experiência grega.⁵⁵

Tão convicto está Lima Vaz de sua interpretação que ele chega mesmo a propor em uma elucidativa nota um esquema geométrico como modelo de visualização do *logos* platônico e da metafísica que lhe é inerente:

Figure-se um retângulo que tem como base o *ethos*, como alto o *agathon-en*, como lados a *polis* e o *kosmos*, homólogos entre si, e como traçado interior o roteiro da *psykhe*, que se eleva do *ethos* empírico, pelas vertentes da *praxis* e da *physis*, ao *eidos* da *arete* (ética e física) e à unidade suprema do *agathon-en* (Bem-Uno). A metade inferior do retângulo do *logos* é o domínio da *doxa*, sua metade superior o domínio da *episteme*.⁵⁶

4. Considerações finais

Ao final deste percurso na companhia de nosso saudoso amigo, percebo inda com maior nitidez os caminhos filosóficos que nos separam. Partindo de Schelling e caminhando retrospectivamente para Aristóteles, meu percurso

⁵² LIMA VAZ, “Platão revisitado. Ética e metafísica nas origens platônicas”, in: LIMA VAZ, *Platonica*, Loyola, São Paulo, 2011, p. 109.

⁵³ *Id.*, *ibid.*, p. 109. Para um detalhamento maior dessa relação entre Destino, Razão e Liberdade consultar os seguintes artigos, ambos contidos no volume *Platonica*: “Nas origens da Ética: razão e destino” de 1993 e “Destino e liberdade: As origens da Ética” de 1994.

⁵⁴ *Id.*, *ibid.*, p. 112.

⁵⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 113.

⁵⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 118, n. 52.

não podia ser mais contrário àquele percorrido por Lima Vaz e exposto muito sucintamente nesta página: de Platão à Hegel. Afinal de contas, os maiores opositores ou adversários destes filósofos foram precisamente Aristóteles e Schelling. Somente as malhas da amizade podiam nos unir, pois na amizade não se busca jamais uma mesmidade de opiniões, mas sim a autenticidade e a singularidade dos caminhos.

Fico feliz de, por ocasião da escrita deste artigo, ter podido retornar aos textos de Lima Vaz, bem como ter podido ler outros textos que anteriormente não teria sido possível fazê-lo.

Espero, sinceramente, que esse breve itinerário pela filosofia platônica, tal como interpretada por Lima Vaz, possa despertar o interesse de estudantes pela obra dele e principalmente pela obra de Platão. Certamente, isso deixaria muito feliz o meu saudoso amigo: que a filosofia de Platão pudesse mais uma vez iluminar com razão e discernimento o momento tão obscuro e desprovido de razão em que estamos mergulhados neste primeiro quartel do século XXI.

Bibliografia

- LIMA VAZ, Henrique C. de — *Antropologia Filosófica 1*, Loyola, São Paulo, 1991.
- LIMA VAZ, Henrique C. de — *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos*, trad. Juvenal Savian Filho, Fapemig/Loyola, São Paulo, 2012.
- LIMA VAZ, Henrique C. de — *Escritos de Filosofia III. Filosofia e Cultura*, Loyola, São Paulo, 1997.
- LIMA VAZ, Henrique C. de — *Escritos de Filosofia IV. Introdução à Ética Filosófica 1*, São Paulo, Loyola, 1999
- LIMA VAZ, Henrique C. de — *Escritos de Filosofia VI. Ontologia e história*, Loyola, São Paulo, 2001.
- LIMA VAZ, Henrique C. de — *Humanismo hoje: tradição e missão*, PUC Minas, Instituto Jacques Maritain, Belo Horizonte, 2001.
- LIMA VAZ, Henrique C. de — *Platonica*, Loyola, São Paulo, 2011.
- MAC DOWELL, João (Org.) — *Saber filosófico, história e transcendência* (Homenagem ao Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ, em seu 80º aniversário), Loyola, São Paulo, 2002.
- PALÁCIO, Carlos (Org.) — *Cristianismo e História* (Homenagem a H. C. de Lima Vaz por ocasião de seu 60º aniversário), Loyola, São Paulo, 1982.

Endereço do Autor:

Rua Sebastião Salvador Correia, 168
31365-610 Belo Horizonte
E-mail: <ferey99@yahoo.com.br>